

Desafios de uma pesquisa no escuro em *gay clubs* berlinenses

Wagner Xavier de Camargo⁷⁰

Introdução: as tramas que me levaram a Berlim

*But I see your true colors
Shining through
I see your true colors
And that's why I love you
So don't be afraid to let them show
Your true colors
True colors are beautiful
Like a rainbow
(Cyndi Lauper)*

Era uma tarde de julho de 2006 no hemisfério norte e eu estava de férias em Chicago, Estados Unidos. O show que assistia era de Cyndi Lauper, notória artista dos anos 1980-90, que ali cantava o sucesso “True Co-

⁷⁰ Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. É também membro-fundador da Rede Brasil-Alemanha de Internacionalização do Ensino Superior (REBRALINT), colaborador permanente do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (Deutscher Akademischer Austausch-Dienst – DAAD) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Atualmente é vinculado ao Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da Universidade Estadual de Campinas.

lors” e encerrava a sétima edição dos Gay Games. A cerimônia colocava um fim nos 10 dias de competições esportivas, em mais de 30 modalidades, que arregimentaram mais de 12 mil pessoas, entre atletas e voluntários (estadunidenses e também estrangeiros), de várias partes do mundo. Tínhamos vivido dias intensos e também de consagração do orgulho de “ser GLBT” no esporte.⁷¹

Eu, um corredor de atletismo que participava pela primeira vez de um evento de tal natureza, começava a pensar em uma estratégia para investigar antropologicamente tal certame, possivelmente em sua próxima edição quadrienal. Enquanto aquelas curtas frases me tocavam sentimentalmente, *don't be afraid* (não tenha medo), *true colors are beautiful* (cores verdadeiras são belas), uma bandeira vermelha com dizeres em letras brancas descia tremulando de um mastro no palco principal: *See you in Cologne 2010* (veja você em Colônia 2010). Ali foi meu primeiro vislumbre sobre a possibilidade de pesquisar no exterior, ou mais propriamente, na Alemanha.

De volta ao Brasil, pensava em como resolver um dilema: deixar a condição de professor celetista de faculdades particulares e reingressar no meio acadêmico por meio de um programa de pós-graduação. A canção de Cyndi Lauper e a emoção que tinha vivido nos jogos de Chicago me fizeram crer que pesquisar questões acerca da sexualidade em um evento esportivo como o Gay Games seria a porta de algo pioneiro – inclusive do ponto de

⁷¹ O acrônimo GLBT, que logo vai se derivando em outras formas (LGBT, LGBTTT, LGBTQI+ etc.), não parou de se transformar até hoje. Vale lembrar que o programa “Brasil Sem Homofobia” (2004), lançado no primeiro mandato do Governo Lula (2002–2006), foi um dos responsáveis pelas discussões acaloradas da I Conferência Nacional GLBTT, ocorrida em Brasília em fins de 2008, que decidiu, entre muitas coisas, antecipar o “L” na sigla a fim de não continuar invisibilizando mulheres *lésbicas*, do mesmo modo que ocorria com mulheres heterossexuais na sociedade (Fernandes, 2011). Em termos esportivos, o recém-criado Comitê Desportivo Gay (ou CDG), nos anos seguintes, vai se adaptar à demanda do movimento, trocando o solitário termo “gay” por “LGBT”.

vista pessoal. Vivendo ainda no “armário da sexualidade”,⁷² sem ser completamente hétero ou homossexual, isso impactava não apenas minhas relações familiares, como também as profissionais.

Em março de 2008, ingressei como doutorando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), sob orientação da antropóloga Carmen Rial e coorientação do sociólogo Alexandre Vaz. Meu projeto já previa uma etapa de pesquisa fora do país, exatamente em Colônia/Alemanha, dois anos mais tarde. Porém, até aquele momento, não sabia exatamente como isso aconteceria. Vivíamos outros tempos, em que as políticas de formação de pós-graduandos fora do país se consolidava pelos mecanismos institucionais do Partido dos Trabalhadores (PT), que re-dimensionava programas de bolsas de pesquisa e mesmo investimentos no ensino superior via Ministério da Educação e agências.⁷³

A possibilidade veio no fim daquele ano, quando o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (*Deutscher Akademischer Austausch-Dienst* – DAAD) abriu seu processo seletivo para 2009 de estágio doutoral na Alemanha. Como minha pesquisa de campo tinha data e lugar para ocorrer e eu dispunha de certo conhecimento de alemão, acreditei ter pontos favoráveis à candidatura. A aquisição da bolsa foi meu passaporte para a pesquisa internacional. Desembarquei na capital alemã poucos dias antes da comemoração dos vinte anos da Queda do Muro de Berlim.

Minha vinculação se deu junto à Universidade Livre de Berlim (*Freie Universität von Berlin*), no Instituto Latino-americano (*Lateinamerika Institute* – LAI), cuja pesquisadora teuto-brasileira Ísis Fernandes Pinto foi

⁷² O armário é uma estrutura epistemológica pesada e consequente, segundo Sedgwick (2007). A autora demonstrou como há uma paradoxalidade aí, pois não se está totalmente dentro do armário, nem totalmente fora, dependendo da perspectiva e do ponto de vista de quem o considera.

⁷³ Havia bolsas de estudos do REUNI, disponibilizadas pelo Governo Federal para apoio e permanência de estudantes de pós-graduação nas universidades federais e mesmo um incentivo progressivo de verbas para pesquisas. Além disso, logo se materializaria o programa “Ciência Sem Fronteira”, que incentivava parte da formação acadêmica no exterior e fora criado no primeiro mandato de Dilma Rouseff (2010–2014) (Pereira, 2015).

a intermediadora, à época, junto à docente Ingrid Kummels, que se constituiu como tutora oficial do estágio doutoral. Ísis havia estado no Brasil, sob orientação de Carmen Rial, alguns anos antes e acabou sendo meu principal contato no Instituto. O primeiro desafio metodológico que enfrentei foi me inserir nas atividades acadêmicas do LAI para criar diálogos com pesquisas internas. Como meu projeto não estava sob tutela das linhas de pesquisa do Instituto, acabei ficando à margem, do mesmo modo que via acontecer com outros estudantes estrangeiros. Nesse sentido, o contato com Ísis foi fundamental para driblar ausências de informações, direcionamentos quanto aos procedimentos das disciplinas e mesmo para me colocar em contato com outras pessoas e docentes.

A pesquisa etnográfica, por sua vez, começou antes do evento esportivo propriamente dito, e é sobre isso que tratarei neste capítulo. Atletas amadores com os quais tomei contato ainda em Berlim, que eram membros de entidades como a Vorspielen (entidade que oferecia esportes a pessoas LGBTQI+ na cidade), mostraram-me um circuito de festas frequentado por eles, cuja temática tinha o esporte como foco.⁷⁴ Conjuntamente a isso, intensifiquei o mapeamento de bares de socialização comunitária desses grupos e uma catalogação de algumas publicações, distribuídas gratuitamente em tais lugares, como as revistas *Siegessäule* e *Blu*.

Nesse momento se iniciaria meu segundo desafio metodológico do estágio doutoral no exterior, qual seja, não apenas o mapeamento dos lugares de circulação da população-alvo (na capital alemã e no circuito europeu), mas também o “encontro etnográfico” (Mariza Peirano, 1986) com os atores sociais. Particularmente, um dos desafios com que me deparei foi entender o “alemão da rua” (*Umgangssprache* ou gíria) para dialogar com eles e mesmo ler materiais distribuídos em bares e casas noturnas. Não

⁷⁴ Os contatos com interlocutores foram sendo construídos a partir de diferentes lugares, e explico melhor a arquitetura dessa rede na tese doutoral (Wagner Camargo, 2012). Neste capítulo, não trago falas de interlocutores porque objetivo tratar dos dilemas metodológicos de realizar uma pesquisa de campo no exterior.

bastava saber *Hochdeutsch* (alemão oficial); tinha que saber manejar nesse outro linguajar, que me deixou prostrado durante algumas semanas, até que comecei a entender a lógica daquela construção discursiva.

Meus interlocutores e os colaboradores da pesquisa eram homens que mantinham relações homoafetivas e homoeróticas com outros homens (Isadora Lins França, 2012) e praticavam esportes. Eles foram me apresentando outros contatos, principalmente nas festas temáticas que frequentavam. O desafio, a partir daí, era construir uma rede que me servisse de base para investigação, e mesmo para a inserção de outras pessoas na competição esportiva que ocorreria em Colônia. Posso adiantar que possivelmente esse foi o terceiro e maior desafio metodológico de fazer pesquisa fora do país: construir uma rede de contatos, com interlocutores estrangeiros, em outra cultura e língua, a qual pudesse me fornecer dados para uma etnografia multissituada.⁷⁵

Neste texto, tratarei do cenário das festas temáticas, não previsto no projeto original, mas que se revelou importante no “percurso etnográfico” (Mariza Peirano, 1995). Tomei contato com ele a partir do mapeamento da circulação desses atletas amadores — e a rede cresceu a partir de amigos de amigos que me foram apresentados. A seguir, trago um detalhamento desse campo e apresento, logo depois, o desafio máximo de pesquisar nele: o escuro e a tarefa de desenvolver uma etnografia mais tátil e olfativa do que propriamente visual e dialógica com os sujeitos.

Como a Antropologia, em geral, privilegia a premência da linguagem e da visão em suas investigações, me inspiro em Maria Benítez (2007) e Camilo Braz (2012) no sentido de tentar etnografar outras sensações no escuro e na penumbra para entender como isso pode ser potente ao permitir conhecimento antropológico sob outro registro. E, então, a partir desses

⁷⁵ A etnografia multissituada foi realizada em eventos esportivos LGBT internacionais, além do Gay Games Chicago-2006: os II World OutGames, em Copenhagen-2009; os VIII Gay Games, em Colônia-2010 e os II North American OutGames, em Vancouver-2011. De 2009 a 2011, a cidade de Berlim foi a base a partir da qual pude acessar esse circuito maior de eventos LGBT, nos quais meus interlocutores circulavam (Camargo, 2015).

“tipos não visuais de percepção” (Nils Bubandt, 1998, p. 49), tomo os cheiros que me afetaram para abrir novas considerações sobre este trabalho de campo realizado.

Festas com temas esportivos⁷⁶

As festas a que me refiro aqui estavam associadas a bares e clubes específicos em Berlim e eram lugares de socialização de homens que mantinham relações homoeróticas/homossexuais, locais que nomeei de “playground de adultos”, aproveitando expressão de Lins (2007). Acabei considerando as ocasiões festivas no cômputo da etnografia dos eventos de esporte, uma vez que elas apareceram como elementos constituintes de uma agenda de meus interlocutores e, nesse sentido, importante de serem etnografadas.

Apresento a seguir *flyers* de propaganda de duas festas do circuito cidadão da capital alemã: dos clubes GMF e Locker Room. Lidando com públicos de classes sociais distintas, suas programações temáticas demonstram a tentativa de atrair um público não usual para os locais, como atletas de esportes amadores. De modo semelhante, os *flyers* ilustram corpos muscularmente definidos e trazem elementos do mundo esportivo (bermudas, tênis, a bola, o corpo seminu). Ao passo que o clube GMF atraía um público de homens brancos, de classe social privilegiada, consumidores de produtos importados (roupas, perfumes) e viagens internacionais, aspectos notáveis nas vestimentas, nas conversas e mesmo nos pequenos grupos junto ao bar que falavam muito disso, a casa noturna Locker Room agregava grande número de estrangeiros (asiáticos latinos, africanos) e se colocava como um lugar “mais diverso e plural”.⁷⁷

⁷⁶ Importante registrar que parte do conteúdo aqui trabalhado já foi publicado em Camargo (2017).

⁷⁷ Poderia continuar falando sobre os traços de distinção de classe social encontrados nesses grupos, resgatando os apontamentos de Bourdieu (2007), mas penso que não é o propósito deste texto.



FOTO 1: FLYER DE FESTA TEMÁTICA DE ESPORTES NO CLUBE GMF.

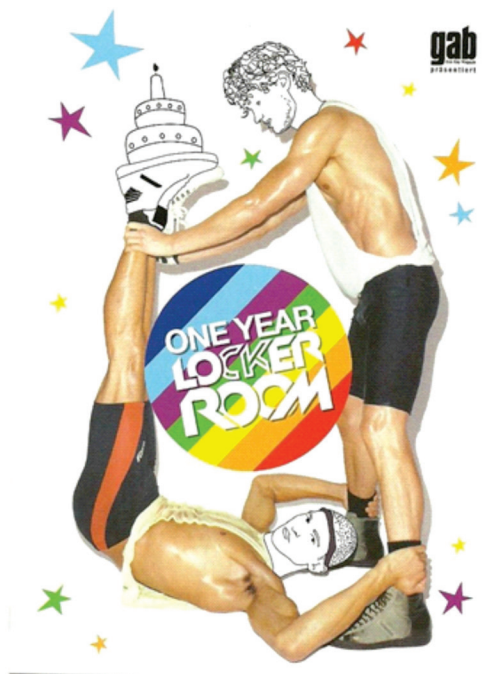


FOTO 2: FLYER COMEMORATIVO DE UM ANO DE EXISTÊNCIA DA CASA NOTURNA LOCKER ROOM.

A partir do conhecimento dessas festas e de seus motes temáticos, passei a desenvolver uma taxonomia dos locais (clubes ou bares) e acompanhar as festas que ocorriam no período das competições esportivas (Wagner Camargo, 2012). Esses lugares e suas festas participam de uma rede mais ampla de “bens eróticos” (Maria Filomena Gregori, 2004) e também eram, em alguma medida, locais de prática sexual. No entanto, para esse propósito específico, havia os *sex clubs* berlinenses (em uma longa lista de localidades, registradas na municipalidade), cujos roteiros estavam disponíveis em revistas distribuídas gratuitamente em toda a cidade. As informações que coletei de modo oficial começaram a ser cotizadas com as que segui nesses roteiros, apresentados nas páginas finais das revistas mencionadas anteriormente.

Tais lugares foram considerados “territórios de socialização sexual” de homens que exerciam práticas homoeróticas, em uma referência com os então “guetos gays” das metrópoles do hemisfério norte nos anos 1950, como saunas, cinemas, *sex shops* e clubes noturnos.⁷⁸ Havia, igualmente, os *dark rooms* ou *back rooms*, espaços escuros ou de penumbra, nos fundos de estabelecimentos comerciais (há certo tempo em extinção no Brasil e em várias partes do mundo), reservados também para encontros sexuais (María Elvira Díaz Benítez, 2007) — e, ainda, os antigos J.O. clubs (*jerk-off clubs* ou “clubes da punheta”, tradução minha), como apareciam nos Estados Unidos.

No caso de Berlim, do total de estabelecimentos comerciais voltados ao público LGBTQIA+ na capital alemã à época (2009–2011), mapeei 91 bares e 50 clubes noturnos, totalizando 141 locais em funcionamento. Os lugares podiam ser divididos em “socialização convencional” e/ou de “socialização sexual”, sendo nesses últimos a prática de sexo o principal objetivo. Do total, 28 deles se encontravam fechados ou passavam por reforma, e 2 estavam plenamente desativados (Akzept 21 e Ficken3000). Dos 91 em atividade na época, 9 poderiam ser considerados de altíssima frequência (Greifbar, Cocks Berlin, CDL-Club, Lab.Oratory, New Action, Prinzknecht, Stahlrohr, Tom’s Bar, Triebwerk), em distintos bairros da cidade e os quais frequentei em muitas ocasiões. Dos 50 clubes noturnos estilo boate, igualmente 9 deles se alternam com grande público (Connection, Die Busche,

⁷⁸ Sobre a clássica formulação do “gueto gay”, ver Levine (1998) e acerca da problematização deste, ao importante contribuição de Perlongher (2008); acerca do processo de *cruising gay* nesses territórios, ver Lee (1978); conjecturas a respeito da guetificação homossexual em São Paulo de metade do século XX, ver Silva (1958; 2005), MacRae (1983; 2005) e Perlongher (2005); sobre o resgate da discussão temática para discutir “mercado GLS” (gay-lésbico-simpatizante) de saunas, cinemas pornô e bares/clubes voltados à prática de sexo, ver Simões e França (2005), Braz (2007a; 2007b; 2011; 2012); França (2007a; 2007b); especificamente sobre *sex shops* nessa territorialização, ver Gregori (2004).

Kit Kat Club, Geburtstagsklub, Goya, Kantine am Berghain, NBI, SchwuZ, Tape Club).⁷⁹

Importante dizer que em tais festas se encontravam elementos de uma peculiar *sex culture* (Amin Ghaziani, 2017),⁸⁰ pois, como afirmou o Braz (2011), as “convenções viajam” e globalizam elementos tanto de sexualidades diversas, quanto mais precisamente de uma pornografia gay contemporânea, cujas referências históricas estão lá nos *leather sex clubs* norte-americanos e europeus dos anos 1960 e seguintes (associados, em geral, com o gosto pelo “couro”), descritos por Levine (1998) e por Rubin (1991).

No entanto, meu objetivo aqui é tratar de um clube de sexo em específico, que tem um rígido *dresscode* (código de vestimenta),⁸¹ visitado por mim durante mais de um ano (com frequência de três a quatro vezes ao mês), nos idos de 2010 e 2011, em diferentes horários e mesmo em companhia de distintos interlocutores. Ele é uma referência central na cena da cultura alternativa berlinense, e, segundo meus colaboradores (alemães e estrangeiros), as pessoas se dividiam entre quem já o conhecia e quem deveria, necessariamente, conhecê-lo. É um espaço anexo de um famoso clube noturno da cidade, com história de surgimento pós-II Guerra, que tem um cronograma de festas variadas. E nele, como traz meu registro etnográfico,

⁷⁹ Parte desses dados foram coletados também por ocasião de minha etnografia em bares antes e durante a Copa do Mundo de Futebol de homens da África do Sul (Camargo; Rial; Vaz, 2010).

⁸⁰ A fórmula que o autor explora no livro dele “sexo + cultura = sexualidade” (p. 9) encontra eco em uma publicação de Gayle Rubin, quando afirma: “O corpo, o cérebro, a genitália, e a capacidade de linguagem são todos necessários para a sexualidade humana. Mas eles não determinam o seu conteúdo, as suas experiências, ou as suas formas institucionais. Além disso, nunca encontramos o corpo não mediado pelos significados que as culturas lhe dão” (Rubin, 1993, p. 10, tradução minha).

⁸¹ *Dresscodes* são verdadeiros “indicadores sexuais”, segundo Soares (2011), que estudou as transformações no vestuário esportivo de corpos masculinos e femininos entre 1920–40. No caso da festa a que me refiro a seguir, as roupas esportivas modelavam contornos corporais e sugeriam, paradoxalmente, o corpo nu.

há um calendário de eventos fixos e variáveis (sazonais). Os dias de roteiros fixos são quinta e sexta-feiras. Às quintas há a *naked party*, em que o *dresscode* obrigatório é de nudez total, e às sextas, o *fucking Friday 2-4-1*, na qual se pode escolher ficar com trajés específicos, de cueca, sem roupa ou com peças esportivas (como sungas, maiôs de luta-livre, ou os mais comuns, bermudas e shorts). As “festas sazonais”, por sua vez, são divididas em diferenciadas temáticas, e o clube avisa em seu *site* que se reserva o direito de modificar seu calendário, conforme o fluxo de frequentadores. Dessa forma, alternam-se de semana a semana (ou mês a mês) a “Yellow facts: piss without dress code”, para pessoas que gostavam de fezes e urina; a “Fausthouse: anal deep throat”, que atrai praticantes de sexo radical, garganta profunda e *fist fucking*; a “Official Slut: suit & tie” frequentada por adoradores de ternos masculinos impecáveis; a “Gummi/Rubber outfit only!”, para a grande população adepta da borracha, do couro e do sadomasoquismo; a “Mug’s Party: do it in pig-style”, para todos os tipos de secreções e cheiros e, por fim, a “Athletes’ Party: fit for fuck”, tradicional festa de/dos “atletas”.⁸² (Diário de Campo, jan. de 2010).

A identificação dessas festas específicas e minha visitação a algumas dessas ocasiões trouxe uma dimensão nova, instigante, relativa às percepções sensoriais outras para além da visão/audição, que se colocaram como ferramentas metodológicas para a pesquisa. O olfato, o “último lugar da hierarquia sensorial” (Chantal Jaquet, 2014), ganha a primazia da interpretação antropológica, à medida em que também passa a ser elemento relevante na comunicação estabelecida com sujeitos. Como os *dresscodes* das festas temáticas são sempre definidos *a priori*, há outras regras explícitas

⁸² A partir de 2013, algumas inovações têm sido implantadas, como a festa “Mask”, onde o uso de máscara e o desnudamento do tronco são exigências obrigatórias, e a “Sewer System: total darkness, search the meat”, na qual as poucas luzes são totalmente apagadas e o clube fica entregue a uma escuridão absoluta. E, ainda antes da pandemia do coronavírus, foi criada uma noite em que o espaço se ampliava junto ao clube noturno vizinho e mulheres eram também recebidas sob a insígnia de “FC Snax United”. A maioria dos eventos atualmente está cancelada.

em uma placa da porta de entrada: proibido tirar fotos ou filmar, não iluminar o ambiente e não usar perfumes — para valorizar o que se entende com “cheiro de homem”. É nessa primeira determinação que se inicia a experiência sensitiva, que explorarei adiante.

Ter acompanhado esse “campo paralelo” à pesquisa principal evidenciou-se como uma “experiência reveladora” (José Guilherme Magnani, 2009) das lógicas que coadunam o tripé esporte-festa-sexo e que impulsionam tais atletas às constantes participações em um circuito de eventos (Camargo, 2015).

Adentrando ao “território dos desejos”

Logo que se dão minhas primeiras experiências de visita ao clube berlinense, sempre acompanhado de interlocutores, ouço uma expressão que me trouxe certa preocupação. Um deles, em uma sexta-feira véspera de feriado e em uma noite de casa lotada, me convida ao “território dos desejos”, logo que adentramos ao recinto. Minha risada nervosa previa um flerte, que horas depois se concretizou. Em um artigo específico (Camargo, 2016), trato de reflexões sobre potenciais envolvimento afetivo-sexuais com sujeitos na pesquisa e os desdobramentos de tais situações.

As festas funcionaram como elementos de uma etnografia multissituada, caracterizada pela sobreposição de lugares e impressões, conectados por mim via uma compreensão antropológica que viabilizou a pesquisa etnográfica (George Marcus, 1995). Era importante que eu as visitasse, e com frequência. Durante muito tempo, o principal desafio metodológico da pesquisa era lidar com as investidas de interlocutores naquele espaço e, igualmente, me concentrar nos procedimentos de acesso a informações.

Quando chego pela primeira vez, aguardo numa fila antes de adentrar uma imensa porta de ferro, controlada por um leão-de-chácara. [...] A ansiedade fazia meu coração galopar e suave de nervoso, mesmo numa temperatura externa agradável [...]. Ao pagar 6 euros, ganhei um saco azul para guardar minhas roupas

e um número foi decalcado em meu braço. [...] Quando me vejo sozinho numa antessala de troca de roupas, e cheiros de urina, sêmen e sexo me invadem as narinas, percebo que já estou dentro da pesquisa [...]
(Diário de Campo, jul. de 2009)

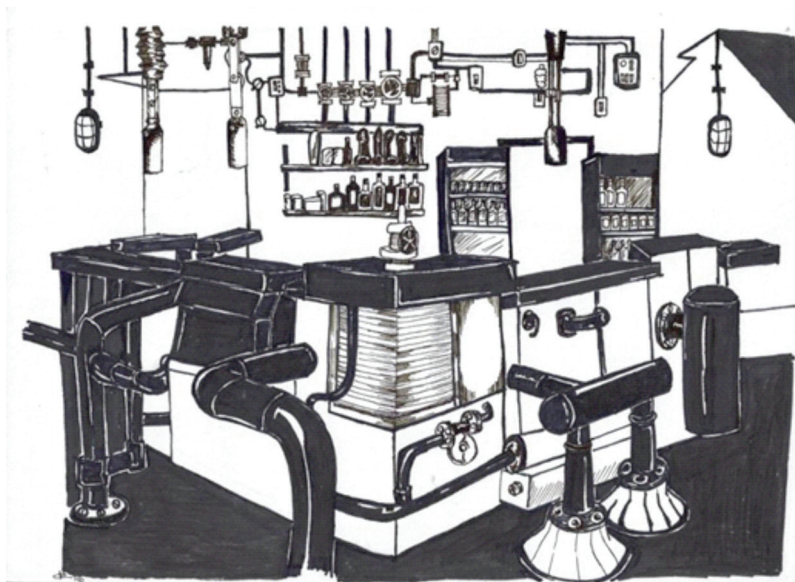


FIGURA 1: VISTA FRONTAL DO BAR INTERNO.⁸³

Pra todo Mundo Ver, desenho, em preto e branco, que mostra um espaço triangular com encanamentos laterais que servem de bancos, algumas lanternas penduradas que iluminam um balcão e garrafas de bebidas ao fundo. Ilustração de Fábio Faria.

A dimensão territorial do clube era uma área de aproximadamente 500 m², que tinha distintos ambientes (internos e externos). Assim,

⁸³ Esta e outras ilustrações deste capítulo foram produzidas por Fábio Faria, um desenhista habilidoso, amigo de outras paragens, que ouviu atentamente meus relatos etnográficos anos mais tarde e me ajudou a materializar imagetivamente os ambientes do clube de sexo pesquisado. A ele devo meus profundos agradecimentos.

apresentava, à época, duas pequenas salas com prateleiras (onde os sacos das “roupas convencionais” eram guardados), dois espaços de trocas de roupas, um quarto de ducha coletiva, dois recintos com quatro cabines individuais cada, dois locais com camas de casal para sexo grupal, um departamento com banheiros, armações semelhantes a “ilhas de sexo” (cavaletes espalhados por todo o recinto), duas salas com banheiras vazias antigas, quatro espaços com *slings* de couro, um paredão com *glory holes*, um canto reservado para os adeptos de “esportes com água”,⁸⁴ um corredor principal onde há *cruising* sexual, uma masmorra com correntes e *sling* para penetrações extremas (*fist fucking*),⁸⁵ além de um pátio externo, aberto apenas no verão. A ilustração a seguir é uma representação esquemática de uma das áreas internas principais, possível de ser descrita em detalhes pois era parcialmente iluminada pela luz refletora do bar:

⁸⁴ Na literatura encontra-se o termo *water sports*, uma alusão às práticas sexuais que utilizam líquidos, corporais ou não. Há, basicamente, duas modalidades: a “chuva dourada” (o urinar no parceiro) e a “aspersão via enema”, que é quando se injeta água no ânus, via um pequeno tubo, e logo em seguida o outro recebe esse líquido na face, na boca ou mesmo no corpo (Silverstein e Picano, 1992).

⁸⁵ *Fist Fucking* é uma técnica de inserção (penetração) da mão (inteira ou parte dela) no canal retal (ânus) (Silverstein e Picano, 1992). Há derivações, como penetração braço-ânus ou ainda perna-ânus, mas essas são classificadas como mais radicais. Rubin (1991) destaca que entre os homens gays haveria um grupo de “fisters”, que desenvolveram uma longa lista de terminologias e comportamentos envolvendo suas práticas sexuais. Tim Dean (2009) traz outra dimensão relativa ao *fisting*: “the sexual act of fisting brings one man so far inside another as to temporarily obliterate the boundaries that conventionally separate persons” (Dean, 2009, p. 46).

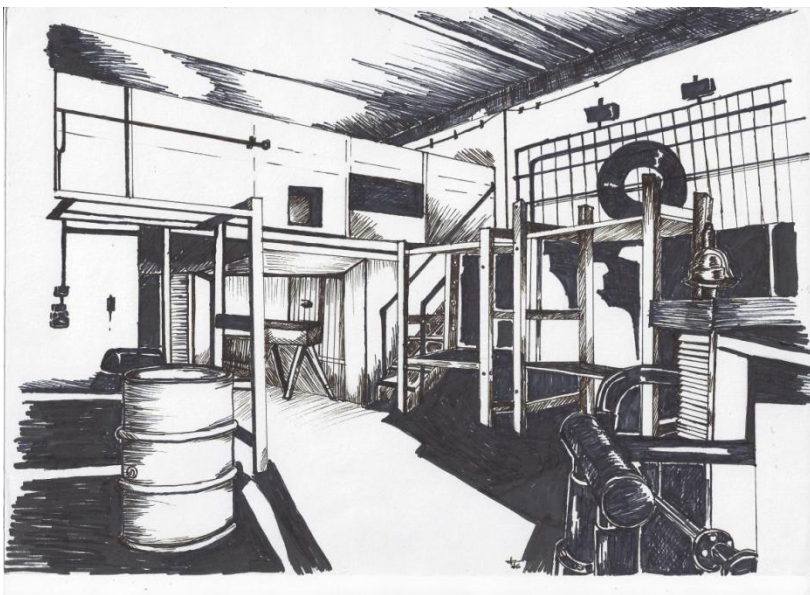


FIGURA 2: VISTA EM PERSPECTIVA DE AMBIENTE INTERNO DO CLUBE DE SEXO, PARTE PRINCIPAL.

Pra todo Mundo Ver, desenho, em preto e branco, que mostra em perspectiva a partir do bar, outra parte do interior do clube, onde se encontram tambores grandes, cavaletes de madeira onde se pode sentar a dois, e mesmo escadas de acesso ao segundo piso. Ilustração de Fábio Faria.

Das possibilidades oferecidas na programação pelo clube berlinense, foi na *Athlete's party* (festa de/os atletas) que realizei a maioria das observações participantes. Nela os sujeitos iam vestidos de atletas, a partir de seus esportes favoritos, ou levavam a vestimenta dentro de uma pequena mochila (geralmente isso acontecia em dias de muito frio).

Apareciam em cena fantasias simples, como calções de futebol ou sungas, torsos desnudos, que estavam, em geral, sem “suporte atlético” ou roupa íntima (cueca). O fato é que a incitação ao “quase nu”, o jogo erótico entre o corpo à mostra e, ao mesmo tempo, vestido de “atleta”, em um ambiente de penumbra ou com iluminação fraca, tudo isso eram componentes que potencializavam o *crusing* e desencadeavam desejos. Dentre as roupas

mais comuns, encontravam-se calções e meiões de futebol, sungas de nata-ção, quimonos de judô ou mesmo algumas fantasias mais raras, como trajes de esgrimistas e de jóqueis.

A festa de hoje pela tarde foi algo atípica [...]. Ao entrar, vejo um tenista com sua raquete. Logo em seguida, uns quantos jogadores de futebol uniformizados com camisas do Barça [Barcelona], meiões e até chuteiras combinando. Andavam e “zoavam” em grupo, passando a mão nas bundas e pênis deles mesmos e de outros. No meio de um dos corredores, um rapaz com a bermuda branca semitransparente chamava a atenção: com o escudo do Arsenal num dos lados do *shorts*, o pênis ereto aparecia marcado do outro lado e o que levava à loucura os passantes era o fato dele estar sem cueca.

(Diário de Campo, out. de 2010)

A partir de tais constatações, desenvolvi uma reflexão prévia sobre roupas esportivas, “fetiches” e o ambiente desse clube de sexo. A proposta foi compreender como essas roupas funcionavam como elementos constituintes dos encontros (portanto, exercendo dada função social), tendo agência em si e ostentando signos sexuais. Tentei demonstrar como certas peças de vestuário transformavam-se em elementos fundamentais para a excitação erótica, mesmo sendo descartadas em algum momento do *crui-sing* sexual que ocorria nas ocasiões festivas (Camargo, 2017).

Mas a “festa de/os atletas” ia além, arrisco dizer. Ela não jogava apenas entre o “permitido” e o “interdito”: as roupas esportivas e os aparatos técnicos que complementam a indumentária (raquetes, quimonos, chuteiras etc.) sexualizavam corpos, erotizavam o ambiente e, ao mesmo tempo que prescreviam critérios mandatórios dos *dresscodes* da festa, também os subvertiam — como é o caso das fantasias usadas sem cuecas, de *jocks-traps* com aberturas anteriores (ao invés de posteriores), dos quimonos semiabertos propositalmente, entre outros exemplos. Ou seja, não se tratava apenas de usar uma roupa esportiva em dada ocasião, mas, sim, de erotizar o corpo e o ambiente em uma sintonia transgressiva, desafiando, inclusive,

o *modus operandi* do próprio esporte — afinal, que judoca compete sem cueca e “fetichiza” o quimono?

Com o estudo dessa festa, pude inferir que certa ideia de esporte, oriunda do senso comum e fantasiada por parte do público consumidor desse tipo de entretenimento, era um elemento que se combinava com outros, como cheiros de suor (ditos “cheiros de homem”), roupas atléticas de vários tipos, tênis e meias sujas (*sneakers*), além de uma diversidade de acessórios, que conferiam sentido e legitimavam a existência e o sucesso da “festa de/os atletas”.⁸⁶ Para meus interlocutores, por exemplo, dentro do circuito de possibilidades para homens que mantinham práticas homoeróticas, tais ocasiões festivas eram etapas “obrigatórias” a serem conferidas.

E o aspecto de “conselho” embutido no convite a participar dessas festas atinge uma dupla finalidade: em primeiro lugar, incita a conhecer uma performance de ser macho no esporte, organizada em torno de uma “masculinidade esportiva” e, em segundo, como a maioria é composta de pessoas que não vivenciaram o esporte propriamente dito, há dada noção de “ser esportista”, que veste trajes especiais e desempenha ações sensuais a partir disso. Usando o conceito de performance de gênero de Butler (2003), pode-se dizer que a fabricação performática do ser esportiva teria que estar em consonância com a performance (masculina) do sujeito. A coerência não apenas é exigida, como compõe os atos de julgamento sobre aqueles que da festa participam.

Sempre me foi instigante pensar a motivação da aquisição de roupas esportivas e implementos para ir à festa de/os atletas — muitas vezes com preços razoavelmente altos, porque oriundas de marcas reconhecidas, como Nike, Adidas, Aussiebum e outras. A transitoriedade do uso de tais apetrechos era tal que se tornava paradoxal encontrar motivos para ele: os

⁸⁶ Quanto à questão do perfume, justificava-se pelo fato de que lá é um “ambiente de homens que gostam de homens”, e, portanto, entenda-se “cheiro de homem” (principalmente de suor) como algo exaltado e desejado — tal gosto é chamado por Silverstein e Picano (1992) de *sleazy sex*.

sujeitos chegam vestidos de roupas comuns (e capotados com gorros, luvas e casacos, principalmente por ocasião do rígido inverno), trocam-nas pelas “fantasias esportivas”, e logo após uma rápida interação com o ambiente e outras pessoas, roupas e acessórios iam ao chão, a um canto sujo do clube, ou, na melhor das hipóteses, para uma banqueteta ou cabide. Sem contar que muitos sujeitos só ficavam em ambientes escuros ou de ligeira penumbra.

O que quero desenvolver no próximo tópico diz respeito ao escuro. Resgatar as situações de pesquisa no escuro e perceber que ele foi um elemento importante para estabelecer outras lógicas do campo, mais olfativas do que visíveis. A vez em que entendi, de fato, o que tudo aquilo podia resultar produtora foi na ocasião em que esqueci o celular em casa, onde fazia anotações no bloco de notas. Tal esquecimento me fez participar do que acontecia lá como um sujeito qualquer, não como pesquisador. O antropólogo, enfim, estava “nu” (em sentido metafórico), e os cheiros, sons e objetos passaram a fazer parte de uma investigação antropológica em que eu insistia em se manter no nível da visão e da razão.

Pesquisando no escuro: entre cheiros e toques

Dentre os desafios metodológicos vividos por mim em minha investigação científica no exterior, sem dúvida, o maior deles foi ter passado por experiências etnográficas inusitadas e não conseguir encaixá-las no registro de minha formação acadêmica. Claro que experiências são únicas e a compreensão destas vem com o tempo e sob outros moldes teóricos. Foi o caso desta reflexão sobre cheiros e outras percepções sensitivas, que não entraram na interpretação antropológica que resultou em minha tese (Camargo, 2012).

A ilustração que segue tenta descrever a vez em que fui “afetado”, em expressão de Favret-Saada (2005), pelos acontecimentos dentro do clube em questão. Era uma tarde de domingo, no período de verão (em que a casa estava mais cheia do que o normal), na ocasião da festa de atletas, e acabei sendo envolvido pelas ações de vários grupos dentro do clube. Aquele

momento disruptivo, em que o pesquisador some de cena e sobra o sujeito desejante, me desestruturou, me afetou. “Ser afetado” abriu uma comunicação de outro nível com meus interlocutores (uma “comunicação involuntária”, segundo a autora supracitada), totalmente desprovida de intencionalidade e que não passava pelas vias do verbal, naquele caso. Destaco o que disse essa autora:

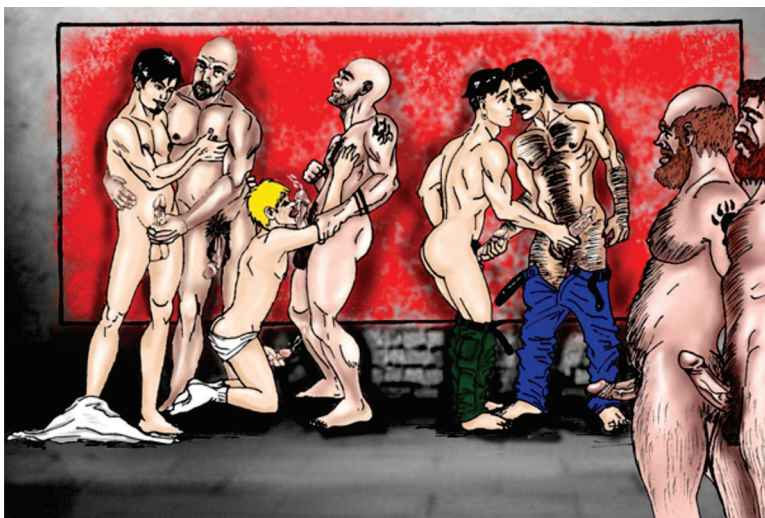


FIGURA 3: REPRESENTAÇÃO FICTÍCIA DO AMBIENTE INTERNO DO CLUBE DE SEXO.

Pra todo Mundo Ver, desenho ilustrativo do interior do clube de sexo, onde se encontram vários homens nus ou seminus se tocando, se masturbando ou simplesmente observando outros. Há corpos gordos, magros, carecas, peludos, musculosos e barbudos. Ilustração de Fábio Faria.

[...] quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista do nativo, nem se aproveitar da experiência de campo para exercer seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a

uma aventura, então uma etnografia é possível. (Jeanne Favret-Saada, 2005, p. 160).

Hoje consigo entender que algo mudou em minha compreensão em relação aos cheiros, aos silêncios, à escuridão e mesmo em relação aos toques que ocorriam, elementos que, no início de minhas visitas, se relacionavam a noções de impureza, as quais, segundo Douglas (2010), se vinculavam a um sistema de crenças que busca organizar o mundo por meio de uma classificação ideal. Meu sentimento de nojo para com cheiros de sexo, sêmen, urina e fezes, que me deixavam nauseado, começavam a tecer outro sentido e a compor aquele cenário de circulação de pessoas e objetos:

Ontem à noite andar no escuro não foi muito fácil. Tateei vários lugares, imaginando se já tinha passado por ali [...]. O silêncio absoluto em alguns cantos denotava algo ocorrendo: percebi uma cena, entrecortada por flashes de algumas luzes coloridas que piscavam. Ao que parecia era um *fist fucking* em andamento. Ouvi surdos ao longe, provavelmente de quem estava em algum *sling* sendo penetrado; não vi o corpo. Continuo tateando e ouço vozes. Algum vozerio em conjunto e cheiro de sêmen denotava masturbação coletiva. Assim vou catalogando impressões etnográficas, que espero, contribuam com a pesquisa sobre esportes. (Diário de Campo, fev. de 2010)

A nota anterior é do dia em que, pela primeira vez, encontrei o clube às escuras. Era uma quinta-feira, e na agenda, era o *total darkness*, algo a que não me atentei. Fui acompanhando o atleta de ciclismo, que já chegou pedalando e vestindo um macacão de *lycra* apropriado para o esporte. Porém, nos perdemos logo depois da entrada no clube. Tive medo daquela escuridão e foi um dos dias mais difíceis em campo, na exata medida em que a falta total da visão me colocou a necessidade de usar outros sentidos.

Ao passo que em bares ou em boates, tanto na Alemanha quanto noutras partes do mundo, os *dark rooms* se encontram em um local específico, como um salão grande localizado nos fundos ou em cantos discretos, o

clube berlinense é um conjunto de vários *dark rooms*, ou de salas escuras, e os únicos pontos com luzes diretas são o balcão de entrada, o bar central (figuras 1 e 2) e os banheiros. Percebi que, para transitar entre espaços, teria que potencializar outros sentidos além da visão.⁸⁷ Tato, olfação e mesmo e audição passaram a ser elementos imprescindíveis para a localização no espaço e no desenrolar de ações de contato em seu interior.

Não somos formados/as em antropologia para usar esses outros sentidos na apreensão da alteridade. Palavras são importantes e até mesmo transcrevem o real — vale lembrar a proposta de “texturização” da realidade, de Geertz (2011). No entanto, mesmo desde Malinowski (1972) se sabe que a linguagem não é sinônimo do pensamento e que antropólogos devem estar alerta para outros indicadores na relação dialógica.

Em sua etnografia sobre *dark rooms*, Benítez (2007) analisa como se estrutura o que chama de “ritual de interação” dentro de tais espaços para entender como gestos táteis e movimentos corporais, muito mais do que palavras, ressignificam práticas e promovem ações. A narração de sua experiência em episódios dos “rituais de pegação” destaca como as expressões performativas contidas nos gestos, suas forças ilocucionárias, respostas perlocucionárias e infortúnias (conceitos de John Austin), são dispositivos que arranjam e rearranjam as interações sociais, substituindo palavras, posicionando os sujeitos e dando suporte às normas de participação no ritual. No contexto do *dark room* que etnografa, em que pese ter sido impedida de participar ativamente, percebeu os silêncios, as movimentações gestuais, a importância do tato tanto em quem procurava quanto em quem era procurado, as alterações nas emoções em momentos de sexo dois a dois ou em grupos.

⁸⁷ O caminhar sem necessitar da visão foi se despertando rapidamente, seja porque passei a conhecer melhor o lugar, seja porque era uma habilidade aprendida desde minha primeira etnografia com pessoas cegas e com visão subnormal, ainda no mestrado (Carmargo, 1999). Como dormíamos em alojamentos coletivos em competições esportivas e, não raro, eu era a única pessoa que enxergava, o que persistia eram espaços escuros, uma vez que luzes não eram necessárias, muito menos eram acionadas.

Braz (2012) também relata experiências etnográficas em clubes de sexo (em saunas e nos cinemas pornôs) dentro de uma perspectiva anunciada por ele de “ambientes de penumbra” ou “à meia-luz”, nos quais o silêncio em geral imperava: “[...] os únicos sons percebidos vinham dos filmes nos televisores, da música nas caixas de som e principalmente, dos gemidos e sussurros” (p. 184). Ele completa a descrição com um aspecto que me parece fundamental:

Há uma dinâmica de “caça”, *cruising* transposta para esses locais, numa busca incessante por outros corpos para tocar e se deixar tocar. A troca de olhares é fundamental, informando quando um flerte será ou não correspondido. (Camilo Braz, 2012, p. 184)

Assim como nessas pesquisas, minha experiência etnográfica no clube berlinense cambiou-se a partir da percepção da existência de cheiros, toques e gestos. Em uma expressão, meu olfato se emancipou, e identifiquei esses outros elementos em jogo na observação sobre os comportamentos (atitudes, gestos e até falas) de meus interlocutores na relação com o ambiente e com outros sujeitos. Em dado momento de nossas relações, e nessas circunstâncias de privação da visão, eu comecei a entender o que faziam ou o que queriam a partir de sons surdos e grunhidos, por exemplo.

Há um fluxo de substâncias em movimento, não apenas de corpos. Pode-se deparar com fezes em cantos, poças de urinas e ejaculações fartas sobre o piso, que inclusive causam derrapagens e escorregões. Um cheiro de sexo invade as narinas e mesmo sem notar se alguém está ou não engajado numa relação, sabe-se que há sexo acontecendo em alguma parte do recinto.
(Diário de Campo, maio de 2010)

Os cheiros, que no início sempre me incomodavam, passaram a fazer parte de um ritual de taxonomização (classificação) de ações, por assim dizer, e em cada dia específico da festa de atletas, sabia exatamente qual era

a *vibe* do momento a partir dos cheiros: predomínio de odor de sêmen me informava que havia práticas masturbatórias em maior proporção; cheiros fortes de fezes misturadas à urina, que grupos adeptos de *yellow facts* estavam presentes; cheiros de paredes mofadas e úmidas, que o clube estava com baixa frequência de clientes etc. Comecei a sacar tudo isso já desde a entrada do estabelecimento.

Vale lembrar que, de acordo com Ingold (2000), cheiros são modos possíveis de percepção do meio ambiente e uma expressão da existência do “organismo/pessoa”. Em uma pesquisa sobre corpos mortos no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro (IML), Medeiros (2014) também aprofunda suas impressões olfativas (e também visuais) como importantes ferramentas metodológicas para refletir acerca de sua experiência etnográfica. Ela tomou o olfato como elemento organizador do tempo e do espaço, na medida em que lhe davam tanto um norte sobre corpos mortos que chegavam e o quanto de tempo lá ficavam, quanto sobre seus estados e condições (de conversação ou putrefação). Como disse textualmente: “o cheiro permite que se visualizem coisas onde essas não estão evidentes e que se identifiquem características nas pessoas, lugares e situações antecipadamente” (Medeiros, 2014, p. 86).

Notas finais sobre os desafios metodológicos de uma pesquisa no escuro

[...] o historiador pode estabelecer uma história da percepção olfativa e estudar o modo de os homens representarem para si os odores e os perfumes através dos séculos; o antropólogo pode analisar as variações da relação ao olfato conforme as culturas; e o sociólogo pode interrogar os diversos comportamentos e usos sociais dos homens em relação a seu nariz. Mas a elaboração de uma filosofia do olfato é bem mais penosa, porque a ideia de um pensamento do nariz que seja compreendido como pensamento *sobre* ou *pelo* nariz parece tomado imediatamente de inanidade. (Jacquet, 2014, p. 7)

O autor do trecho supracitado escreve uma obra em defesa de uma filosofia do odor. Obviamente não tenho tamanha pretensão neste pequeno capítulo. Apenas trouxe à baila aspectos relativos a outras percepções sensitivas além das comumente utilizadas por antropólogos/as em pesquisas de campo e que, na minha experiência, acabaram contando a favor. Também não penso que o debate se encerra aqui, pois nós, cientistas humanos, estamos constantemente remexendo anotações, redescobrimos aspectos não interpretados e mesmo reelaborando hipóteses teóricas acerca de dados ou fenômenos pesquisados. Foi exatamente o que tentei fazer neste capítulo.

Muitos foram os desafios enfrentados no processo de realizar pesquisa etnográfica no exterior, e aprofundi alguns deles na tese doutoral já mencionada. Neste texto, quis abrir outro flanco, pensando a inserção no campo (fora do país), mas também levando em conta elementos presentes nele, mas ausentes de uma primeira interpretação antropológica.

Entender como, para meus interlocutores, cheiros tinham diversos significados e estavam atrelados a suas práticas cotidianas como sujeitos laborais, mas também faziam parte do circuito de entretenimento, quando estavam nas festas. Se perfumes e essências consideradas agradáveis habitavam o dia a dia, no clube de sexo, cheiros de suor, sêmen e sexo compunham um mosaico da masculinidade esportiva desejada. Talvez o olfato, como uma das experiências sensitivas mais primárias do ser humano, estivesse ligado à socialização e à conquista de parceiros sexuais, elementos fundamentais para as homossociabilidades naqueles ambientes que conectavam lugares festivos e esportivos.

Para mim, como antropólogo, além de ver e ser visto, um dos maiores aprendizados relativos à cultura encontrada nesses ambientes festivos relacionados a práticas sexuais estava justamente em entender que tocar e ser tocado, sentir cheiros alheios e ser cheirado faziam parte de outros modos de registro e percepções sobre a realidade a ser etnografada. Hoje, passados alguns anos do campo realizado, consigo compreender isso.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. São Paulo: Edusp, 2007.

BRAZ, Camilo A. À meia-luz... uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino. Goiânia: Ed. UFMG, 2012.

BRAZ, Camilo A. “Como las convenciones viajan...” — Notas etnográficas sobre clubes de “sexo duro” em Madrid. *Contemporânea — Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 139-164.

BRAZ, Camilo A. Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 175-206, 2007a.

BRAZ, Camilo A. Nem toda nudez será castigada: sexo, fetiche e s/m em São Paulo. *Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, São Paulo, v.1, n. 1, p. 01-11, 2007b.

BUBANDT, Nils. The Odour of Things: Smell and the Cultural Elaboration of Disgust in Eastern Indonesia. *Ethnos*, v. 63, n. 1, p. 48-80, 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Wagner X. “Vestidos para transar”: notas etnográficas sobre roupas esportivas masculinas e festas de sexo. In: Ivana Guilherme Simili e Maria Claudia Bonadio. (Orgs.). *Histórias do vestir masculino: narrativas de moda, beleza, elegância*. Maringá: EDUEM, 2017, v. 1, p. 151-174.

CAMARGO, Wagner X. Entre corpos suados e excitados: considerações sobre sexo e sexualidade no trabalho de campo. *Revista Antropológicas*, v. 27 (2), p. 196-214, 2016.

CAMARGO, Wagner X. Circulação do desejo: esporte, corpos atléticos e práticas de sexo. *Revista TEXTURA (ULBRA)*, v. 17, p. 110-138, 2015.

CAMARGO, Wagner X. *Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs*. 400 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CAMARGO, Wagner X; RIAL, Carmen. S.; VAZ, Alexandre. F. “Gays não gostam de futebol?” Notas etnográficas sobre masculinidades subversivas em tempos de Copa do Mundo. In: SIMPÓSIO FUTEBOL: ESPETÁCULO E CORPORALIDADE, Florianópolis, dez. 2010. *Anais...* Florianópolis, 2010. p. 01-15.

CAMARGO, Wagner Xavier. *O universo desportivo de cegos e deficientes visuais: uma interpretação*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física Adaptada, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

DEAN, Tim. *Unlimited Intimacy: Reflection on the Subculture of Barebacking*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2009.

BENÍTEZ, María Elvira Díaz. Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. *Cadernos de Campo* (São Paulo-1991), v. 16, n. 16, p. 93-112, 2007.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. *A agenda anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

FAAVRET-SAADA, Jean. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13. São Paulo: FFLCH/USP, 2005. p. 155-161.

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consume e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu*, v. 28, n. jan.-jun., 2007a.

FRANÇA, Isadora Lins. Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo. *Horizontes Antropológicos*, v. 13, n. 28, p. 289-311, 2007b.

GHAZIANI, Amin. *Sex Cultures*. Cambridge: Polity Press, 2017.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e s/m. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Orgs.).

Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004. p. 235–255.

JACQUET, Chantal. *Filosofia do odor*. Tradução Michel Jean Maurice Vicent e Maria Angela Mársico da Fonseca Maia; revisão técnica Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LEE, John Alan. *Getting Sex: a New Approach: More Fun, Less Guilt*. Don Mills: Musson Book, 1978.

LEVINE, M. P. *Gay Macho: The Life and Death of Homosexual Clone*. New York: New York University, 1998.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto (1983). In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005, p. 291–308.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes antropológicos*, v. 15, p. 129–156, 2009.

MARCUS, George. E. Ethnography in/of the World System: the Emergence of Multi-sited Ethnography. *Annual Review Anthropology*, v. 24, p. 95–117, 1995.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. O encontro etnográfico e o diálogo teórico. *Anuário Antropológico*, v. 10, n. 1, p. 249–264, 1986.

PEREIRA, Vânia Martins. Arranjos de uma política: uma análise sobre o Programa Ciência Sem Fronteiras. *NAU Social*, 6(10), 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/31317>. Acesso em: 10 out 2021.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PERLONGHER, Néstor. Territórios marginais (1988). In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 266–290.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: ABELOVE, H.; BARALE, A.; HALPERIN, David. *The Lesbian and Gay Studies Reader*. New York: Routledge, 1993, p. 03-44.

RUBIN, Gayle. The Catacombs: A Temple of the Butthole. In: THOMPSON, Mark (Ed.). *Leather-Folk: Radical Sex, People, Politics and Practice*. Boston: Alyson Publications, 1991, p. 119-141.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*; Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan.-jun. 2007.

SILVA, José Barbosa. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário (1958). In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 40-212.

SILVERSTEIN, Charles; PICANO, Felice. *The New Joy of Gay Sex*. New York: Harper Perennial, 1992.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 309-336.

SOARES, Carmen Lúcia. *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*. Campinas: Autores Associados, 2011.